

# Pobre e rico em campanha

**Abreu, do PTN, se diz honesto e lutará contra o desemprego**

GEORGE ALONSO

SÃO PAULO – O paulistano Dorival Masci de Abreu, de 64 anos, o mais rico entre os 14 candidatos à presidência, não se acanha ao falar de sua opulência. "Sou campeão de patrimônio porque sou honesto e já entreguei a minha declaração de renda, que é rigorosamente verdadeira. Agora, tem candidato que foi professor mas vai gastar R\$ 73 milhões, e ainda diz que comprou uma fazenda por R\$ 58 mil", critica, referindo-se ao presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), candidato à reeleição.

Abreu concorre pelo minúsculo Partido Trabalhista Nacional (PTN), cujas duas sedes em São Paulo funcionam, respectivamente, numa empresa de informática no Tatuapé e numa imobiliária na Mooca, ambas na zona leste paulistana, berço natal do candidato.

Na declaração de bens, ele mostra um patrimônio de R\$ 5,850 milhões. "A maior parte deste valor (R\$ 3,888 milhões) advém de indenização obtida da União, pelo fechamento da Rádio Marconi, da qual eu era dono em São Paulo, no regime militar", afirma. Ex-deputado federal do MDB, cassado pela ditadura, ele também é dono de dois carros (inclusive um Mercedes de R\$ 110 mil) e de esculturas que somam R\$ 44 mil, além de aplicações financeiras de R\$ 1,052



Abreu declarou R\$ 5,850 milhões

milhão. "Hoje, vivo da renda dos aluguéis de meus imóveis", diz Abreu, que é pai de cinco filhos e mora na Granja Julieta, área nobre na zona sul paulistana. Ele mesmo lista "meia dúzia de imóveis" na capital paulista; um conjunto de 200 apartamentos em Presidente Prudente (SP); e uma pensão parlamentar "em torno de R\$ 4 mil".

Ex-integrante do PTB e ex-secretário de Administração e Coordenação Governamental da última gestão de Jânio Quadros (1985-1988) na Prefeitura de São Paulo, Dorival Masci de Abreu diz que o "carro-chefe" de sua campanha será o "pé-de-barro de FH": o desemprego.

**José Maria, do PSTU, trabalha na CUT e sonha ter um carro**

ROSELENA NICOLAU

BELO HORIZONTE – O sonho de consumo do mais pobre candidato à presidência da República, José Maria de Almeida (PSTU), de 40 anos, é comprar um carro. Um carro usado, porque um zero seria demais para o bolso de quem ganha R\$ 1,5 mil, como diretor da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Dono de uma declaração de bens onde consta apenas um celular de R\$ 600, José é, porém, determinado.

Em março de 1989, então diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, ele foi o cérebro de um famoso movimento grevista: a ocupação da usina da Siderúrgica Mannesmann, da qual os trabalhadores ameaçavam explodir o alto-forno, caso a polícia invadisse a área. Na época, ele estava há quase cinco anos no movimento sindical, pelo qual tomara gosto nos tempos do ABC paulista.

Filho de trabalhadores rurais de Minas que se tornaram operários em São Paulo, José é funcionário licenciado de uma metalúrgica de Contagem, onde não pisa há mais de 10 anos. Em compensação, não recebe. Seu ganha-pão é a CUT.

Com o salário de R\$ 1,5 mil, José Maria paga o aluguel de um apartamento de dois quartos (R\$ 250) no Barreiro, um bairro operário de Belo Horizonte; a conta do telefone celular



José Maria tem apenas R\$ 600...

(R\$ 150); e a mensalidade de um consórcio de moto (quase R\$ 180). Quando a carta de crédito sair, porém, ele pensa em comprar um Gol usado.

O PSTU prevê que sua campanha custará R\$ 100 mil, dinheiro que o partido vai buscar com a realização de rifas e doações de militantes, como a própria mãe de José Maria. Dona Sebastiana, de 70 anos, é aposentada, mas trabalha como faxineira na General Motors, em Santo André. Pelo filho, ela já fez até greve de fome, em 1978, quando José foi preso e torturado, por causa da reunião que criou a Convergência Socialista – grupo que daria origem ao PSTU.